JOGOS E BRINCADEIRAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Natália Ayres
Instituto Federal do Ceará, *campus* Canindé/CE, natalia.silva@ifce.edu.br
Andreyson Silva Mariano
Rede Estadual de Ensino do Ceará, Fortaleza/CE, andreyson_sm@hotmail.com

RESUMO
Este artigo tem como objetivo investigar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, o potencial pedagógico dos jogos e das brincadeiras africanas e afro-brasileiras para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) na escola. A proposta é demonstrar como essas práticas podem contribuir para a promoção do respeito à diversidade e para a valorização da cultura africana e afro-brasileira, além de favorecer o trabalho docente nos componentes curriculares e o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos(as) alunos(as). Buscamos, assim, o aprofundamento sobre a ERER, o papel do brincar nos processos de ensino e de aprendizagem, bem como as possibilidades pedagógicas dos jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras.

Palavras-chave: Educação das Relações Étnico-Raciais. Formação de Professores. Brincadeiras. Escola.

1 Introdução

A Educação das Relações Étnico-Raciais tem como finalidade combater o racismo por meio do reconhecimento da diversidade étnico-racial como elemento estruturante da formação da sociedade brasileira. Visa, ainda, promover o respeito e a valorização das diferenças, bem como ampliar o conhecimento sobre as histórias, culturas e saberes dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas.

Esse movimento implica o enfrentamento ao currículo eurocêntrico historicamente consolidado nas escolas brasileiras, o qual privilegia referências europeias com padrão de conhecimento e civilização, silenciando ou subalternizando as contribuições dos povos negros e indígenas. A Educação das Relações Étnico Raciais, portanto, propõe a construção de um currículo plural, crítico e comprometido com a justiça social.

A Lei n.º 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, públicas e privadas, e a Lei nº 11.645/2008, que ampliou essa obrigatoriedade ao incluir o ensino da História e Cultura Indígena, abriram caminhos importantes para a efetivação da Educação das Relações Étnico-Raciais. Complementando esse marco legal, destacamos as Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (2004), publicadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). As referidas DCNs orientam as escolas e os sistemas de ensino para a implementação da ERER de forma transversal e interdisciplinar, permeando todas as áreas do conhecimento e os diferentes níveis e modalidades da educação básica.

No entanto, apesar dos avanços legais, ainda há muitos desafios a serem enfrentados para a sua plena efetivação nas escolas. Segundo pesquisa, mais de 70% das secretarias municipais de educação não cumprem a legislação, realizando nenhuma ou poucas ações, conforme pesquisa divulgada em 2023, em Brasília, pelo Instituto Alana e Geledés Instituto da Mulher Negra.

Esse cenário evidencia não apenas a fragilidade institucional para a implementação da ERER, mas também a permanência de resistências culturais, epistemológicas e políticas, especialmente no que se refere à descolonização do currículo escolar.

Com 22 anos da Lei 10.639/2003, a justificativa de desconhecimento de formas para sua aplicação não pode ser aceita, nem pelos sistemas de ensino nem por professores e professoras. No caso dos últimos, importante a exigência de formação continuada e de documentos orientadores por parte das secretarias de educação. Não podemos deixar que relatos como trazidos pela Eliane Cavalleiro, no livro *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil* (2000), de situações de discriminação ocorridas na presença de professores, sem interferências, continuem se perpetuando.

O presente artigo assume como objetivo central analisar as possibilidades pedagógicas dos jogos e das brincadeiras africanas e afro-brasileiras, somando-se aos esforços de divulgação coletiva de propostas para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

2 Metodologia

O artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa, fundamentada em estudos bibliográficos, sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e os jogos e as brincadeiras africanas e afro-brasileiras. Dividimos em dois momentos. No primeiro, aprofundamos os estudos sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e a importância do brincar na perspectiva histórico-cultural e na dimensão étnico-racial. No segundo, levantamos jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras com potencial educativo para a promoção da ERER.

Recorreremos também aos documentos oficiais relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais, dentre eles a Lei 10.639/2003, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004) e as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006).

3 O brincar na perspectiva histórico-cultural e na dimensão étnico-racial

Nesta seção, procuramos articular as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural - especialmente as contribuições de Vigotski e Leontiev sobre o papel do brincar no desenvolvimento humano - com produções contemporâneas voltadas à ERER e à ludicidade afrocentrada. Uma perspectiva que compreende o desenvolvimento a partir do contexto sócio-histórico, bem como pesquisadores contemporâneos, especialmente negros(as), que situam esse desenvolvimento a partir da dimensão étnico-racial.

A Psicologia Histórico-Cultural atribui importante papel da brincadeira no desenvolvimento da criança. O brincar é considerado uma atividade-guia do desenvolvimento da criança pré-escolar, principalmente as brincadeiras de papéis sociais, que possibilitam à criança estabelecer relação com o contexto ao seu redor. Para Vigotski (2021, p.212), a brincadeira não depende somente do desenvolvimento intelectual da criança, mas também da esfera afetiva. Nas suas palavras, “a essência da brincadeira é que ela é a realização de

desejos, mas não de desejos isolados e sim de afetos generalizados. Na idade pré-escolar, a criança tem consciência de suas relações com os adultos, reage a eles com afeto".

Vigotski compara a relação entre brincadeira e desenvolvimento com a relação entre instrução e desenvolvimento. A brincadeira pode impactar o desenvolvimento da criança e criar a zona de desenvolvimento iminente, quando se ampliam as possibilidades de aprendizagem, através da mediação do adulto ou de outra criança mais experiente.

Leontiev (2001, p.59) acrescenta que, na brincadeira, a criança ultrapassa os limites da manipulação dos objetos que a cercam, assimilando "[...] o mundo objetivo como um mundo de objetos humanos reproduzindo ações humanas com eles".

Autores como Jonathan Aguiar, Matheus Pinheiro, Ana Valéria de Figueiredo, Zulmira Benfica e Adriana Corrêa, com textos reunidos no livro *Jogos e Brincadeiras Africanas: o brincar que nasce do chão* (2022), contribuem para o entendimento do brincar como expressão cultural, prática pedagógica e ferramenta de resistência.

Essas perspectivas dialogam com a produção teórica de Nilma Lino Gomes (2005a, 2005b, 2006, 2017), que defende a construção de uma pedagogia da presença negra nas escolas, reconhecendo o protagonismo dos sujeitos negros no processo educativo. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2004), relatora das Diretrizes Curriculares Nacionais para a ERER, ressalta que é papel da escola reverter a lógica excludente da história única, promovendo múltiplas narrativas e práticas que reconheçam a diversidade étnico-racial brasileira. Já Eliane Cavalleiro (2000) denuncia como o racismo institucional se reproduz na prática pedagógica cotidiana, inclusive na Educação Infantil, exigindo estratégias de enfrentamento desde as primeiras experiências escolares.

4 Jogos e brincadeiras africanas e afrobrasileiras

O livro *Jogos e Brincadeiras Africanas: o brincar que nasce do chão* (2022) traz importantes reflexões sobre o brincar, os jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras, a educação para as relações étnicos-raciais e a formação de professores, além de vários jogos e brincadeiras africanas. Lima (2022, p.16), no *Prefácio*, faz uma conexão simbólica entre as brincadeiras de origem africanas e o "chão":

A herança cultural das brincadeiras africanas nasce no chão, no nível dos pés, no contato da realidade ("pé no chão"), dos riscos ("perder o chão") e da segurança ("do chão não passa"), em diálogo constante como o sonhado e vivido em uma única dimensão ("Chão das estrelas"), comprometido com o chão da escola, com todos e todas, brancos e pretos, engajados na luta antirracista e que se opõe frontalmente contra todo qualquer tipo de opressão e desigualdade.

Os jogos e as brincadeiras africanos podem ser importantes instrumentos de valorização da identidade afro-brasileira e combate aos preconceitos, desde a infância. A luta antirracista é uma tarefa de toda as pessoas.

Aguiar e Pinheiro (2022, p.22), em *Ideias iniciais e caminhos que serão percorridos*, destacam que o brincar deve ser entendido não apenas como algo importante para o desenvolvimento e a aprendizagem dos indivíduos, mas como uma atividade que faz parte da própria vida humana. Ou seja, a ampliação da discussão acerca do lúdico "[...] perpassam o conhecer, o sentir e o agir da humanidade".

As brincadeiras podem proporcionar o desenvolvimento da criação e da imaginação nos indivíduos brincantes. No texto *Múltiplos olhares sobre o brincar: um caleidoscópio lúdico entre as palavras e a arte de jogar*, Aguiar (2022) reforça o brincar como uma atividade indispensável para a espécie humana, por meio os sujeitos podem protagonizar ações, construir conhecimentos e desenvolver habilidades musicais, artísticas, emocionais e físicas, dimensões que fazem parte do universo lúdico.

Abordar jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras contribui para "[...] tensionar que todas as crianças têm suas especificidades investidas de ludicidades, poesias e pluralidades entre as crianças, com adultos e quaisquer indivíduos que se disponham a lutar por processos emancipatórios e mais inclusivos" (Aguiar, 2022). A diversidade presente no chão da escola, inclusive nas práticas lúdicas, podem contribuir para o enriquecimento de todos e todas, o respeito e a valorização das singularidades e a construção de relações mais inclusivas e colaborativas.

Na mesma direção, Figueiredo e Benfica (2022, p.59-60), no capítulo *Educação para as relações étnico-raciais: o lúdico na formação de professores*, destacam que a inclusão de jogos e brincadeiras das diversas culturas nos ambientes educacionais e na formação de

professores fomenta "[...] processos de educação antirracista, que valorizam as diferenças e em diálogo com a diversidade e a pluralidade de concepções de mundo e modos de viver". Na formação de professores, é importante apresentar os jogos e as brincadeiras africanas e afro-brasileiras e sua importância no desenvolvimento das crianças. Sobre a utilização dos jogos e brincadeiras na prática pedagógica, as autoras recomendam ainda buscar "[...] a origem sócio-histórica em seus elementos fundamentais, o que poderá ampliar o diálogo intercultural de seus conhecimentos e, como consequência provável, das classes nas quais vão desenvolver as atividades propostas".

Podemos perceber essa afirmação das autoras, no exemplo dado por Corrêa (2022), no texto *A ludicidade e as marcas da africanidade*, quando trata das brincadeiras como expressão cultural. A autora cita a boneca *Abayomi* (uma palavra de origem *iorubá*, língua nigero-congolesa). Uma origem associada à boneca está no processo de escravização, quando mulheres negras criavam bonecas para crianças a partir de pedaços de tecidos. Esse tipo de boneca, criadas até hoje, principalmente por mulheres negras, está diretamente relacionada à resistência e à cultura negra.

Além desse livro, com as colaborações de vários autores, podemos citar alguns que trazem várias brincadeiras africanas. Os livros de literatura de Rogério Andrade Barbosa: *Ndule Ndule*: assim brincam as crianças africanas (2011), *Kakopi, kakopi!* Brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos (2019) e *Doze brincadeiras indígenas e africanas*: da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul (2022), em coautoria com Yaguarê Yamã. Débora Alfaia Cunha, em seu livro *Brincadeiras africanas para a educação cultural* (2016), apresenta um conjunto de brincadeiras africanas, destacando suas características centrais, como a coletividade e a corporeidade. A autora faz um destaque importante, para que a brincadeira não seja tratada apenas como divertimento, mas que proporcione uma experiência cultural:

> [...] importa que o educador problematize depois do brinquedo sobre a atividade e sobre suas origens, aproveitamento os sorrisos para discutir temas diversos, em especial os desdobramentos da Diáspora Africana no Brasil. Assim fazendo, o educador permite a seus alunos problematizarem como essa Diáspora propiciou, por processos de conflito, resistência e produção, a incorporação, na cultura brasileira, de uma cosmovisão africana, de valores civilizatórios e modos de ser e de fazer que se originaram deste continente. (Cunha, 2016, p.24).

Abaixo apresentamos um quadro com algumas brincadeiras que podem ser utilizadas na Educação Básica, com as devidas adequações para o nível de ensino, e na formação inicial e continuada de professores.

Quadro 1 – Brincadeiras africanas e afrobrasileiras

Nome	**Origem**	**Descrição e regras básicas**	**Sugestões para o trabalho pedagógico**
PEGUE O BASTÃO	Adaptação de uma brincadeira do Egito.	Formando um grande círculo, cada participante segura um bastão (ou cabo de vassoura) na vertical, à frente do corpo, com uma ponta tocando o chão. Ao comando de "sasa" dado pelo(a) professor(a), cada participante solta seu bastão e corre para pegar o bastão do(a) colega à sua direita antes que ele caia. Quem deixar o bastão cair está fora do jogo e leva o seu bastão consigo. O jogo continua até restar apenas uma pessoa.	Além de trabalhar aspectos relacionados diretamente à brincadeira, como concentração e atenção, o(a) professor(a) pode abordar com os(as) estudantes a cultura egípcia. A palavra "sasa", no *suaíli*, uma das línguas mais faladas da África, significa "agora", podendo substituir o nosso "já" para iniciar uma brincadeira.
NTSA E WOTSWANG LE LESAPO (CACHORRO QUE ROUBA O OSSO)	Botswana.	As crianças são divididas em dois ou quatro grupos com o mesmo número de participantes. Cada uma recebe um número que se repete entre as equipes. Um objeto (pedaço	Essa brincadeira também trabalha com a concentração e atenção. Após a sua realização, o(a) professor(a) pode conversar com os(as)

		de galho ou cabo de vassoura) é colocado no centro. O(a) professor(a) chama um número aleatório e as crianças com esse número correm para pegar o *lesapo* (osso) primeiro. Ganha a equipe com mais pontos.	estudantes sobre o país africano Botswana (ou Botsuana), bem como propor uma pesquisa sobre a fauna, a flora, o clima e as populações que habitam o Kalahari, deserto que ocupa metade do país.
KAMESHI NE MPUKU (O GATO E O RATO)	Congo.	Os(as) participantes formam uma roda, de mãos dadas. Dentro do círculo fica o rato, e do lado de fora, o gato. O gato tenta entrar para pegar o rato, enquanto os jogadores levantam e abaixam os braços para permitir ou impedir a passagem. O rato pode sair e entrar novamente no círculo para escapar. O jogo termina quando o gato consegue pegar o rato ou quando o tempo combinado se encerra.	Essa brincadeira de correr e pegar desenvolve não só a agilidade, mas também, pela formação do círculo, a cooperação. Pode se trabalhar também com as variações dessa brincadeira - ver Cunha (2016).
NDULE NDULE	Adaptação de uma brincadeira de Guiné-Bissau.	As crianças sentam-se em cadeiras dispostas em círculo. O(a) professor(a) ou uma das crianças caminha ao redor do círculo pronunciando *Ndule Ndule* e, ao mesmo tempo, tocando com a mão o joelho de	A realização da atividade em círculo reforça um dos elementos marcantes na cultura africana que é a circularidade. O(a) professor(a) pode destacar, após a

		cada criança. Ao ter o joelho tocado, a criança deve esticar e levantar a perna, mantendo-a suspensa. Quando todas estiverem com as pernas levantadas, ninguém pode mais abaixá-las. As que deixarem os pés tocarem o chão, vão saindo da brincadeira, até restar apenas uma.	brincadeira, a localização da República da Guiné-Bissau no mapa do Continente Africano, destacando que este país também sofreu com a colonização portuguesa e, por isso, possui o português como língua oficial. Para os alunos do Ensino Médio, é possível também discutir sobre a luta pelos direitos das mulheres na Guiné e em toda África.
OSANI	Congo.	As crianças sentam-se em círculo, pés estendidos para o centro e unidos uns aos outros. Em seguida, cada uma diz o nome de uma coisa que seja redonda (pode também adaptar para elementos da natureza ou outro tipo de coisas). Quem não conseguir responder corretamente, deve retirar os pés do círculo. A brincadeira termina quando fica só uma criança.	O(a) professor(a) pode trabalhar a simbologia da formação da brincadeira: todas as crianças em círculo, com pés estendidos e unidos, apresentando imagens, que são difundidas no mundo inteiro. Contar também a história do povo pigmeu Mbuti, que habita a floresta de Ituri, no noroeste do Congo, informando que a brincadeira Osani,

			praticada pelas crianças, faz parte das suas tradições culturais.
SI MAMA KAA	Adaptação de uma brincadeira infantil da Tanzânia.	As crianças formam um grande círculo e dançam seguindo os comandos da canção em *suaíli*, um dos idiomas falados na Tanzânia. Cada palavra da música indica uma ação corporal: *Si Mama* - fique em pé *Kaa* - sente-se / abaixe-se *Ruka* - pule sem sair do lugar *Tembea* - caminhe *Kimbia* - corra O grupo canta e executa os movimentos conforme o ritmo e as palavras da canção.	O(a) professor(a) pode escrever em um cartaz ou na lousa a letra da música com os comandos ou utilizar imagens, dependendo do nível da turma. Pode também apresentar outras palavras da língua *suaíle.* A música pode ser encontrada no Youtube e em aplicativos de músicas.

Fonte: Autoras (2025), a partir de Cunha (2016) e Andrade (2011; 2019).

5 Considerações finais

Este trabalho procurou trazer contribuições sobre a ludicidade na educação para as relações étnico-raciais, bem como reunir algumas proposições de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras para práticas pedagógicas que promovam o reconhecimento e a valorização da cultura africana e afrobrasileira. A inclusão dessas atividades no cotidiano escolar é não só uma possibilidade de cumprimento da Lei nº 10.639/2003, principalmente no âmbito da Educação Infantil, mas a construção de uma educação mais inclusiva e plural.

Essa abordagem valoriza os saberes das infâncias negras e rompe com as práticas pedagógicas monoculturais, que ainda se mantêm em muitas escolas. Os jogos e brincadeiras

de matriz africana e afro-brasileira operam como ferramentas culturais, afetivas e cognitivas que possibilitam o enfrentamento ao racismo desde os primeiros anos da escolarização.

Nesse sentido, os jogos e brincadeiras afrocentrados não apenas ampliam as possibilidades didáticas da ERER, mas também desafiam o currículo hegemônico e promovem uma abordagem mais justa, plural e comprometida com a equidade racial.

Referências

AGUIAR, Jonathan; PINHEIRO, Matheus (Org.). **Jogos e brincadeiras africanas**: o brincar que nasce do chão. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Kakopi, kakopi**: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2019.

BARBOSA, Rogério Andrade; Yamã Yaguarê. **Doze brincadeiras indígenas e africanas**: da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2022.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Ndule Ndule**: assim brincam as crianças africanas. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

BRASIL. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ ME, junho, 2004.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal/PA: Edição do Autor, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC – Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005a.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, SECAD, 2005b.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do lpê (Autores Associados), 2006.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petropólis, RJ: Vozes, 2017.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S., LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento**: escritos de L. S. Vigotski. Organização e tradução Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2021.